

Panel 14: Complex Relationalities

Moderator: Laura J. Beard

Emily Hipchen, U of West Georgia [emilyhipchen@gmail.com]

Geographies of Identity: Adoption Relativity and Bastard Nation

In her recent keynote address at the Conference for the Study of Adoption and Culture, Margaret Jacobs, a scholar of Indigeneity at the University of Nebraska-Lincoln, critiqued the geometry and materiality of the adoption triad in the context of our understanding of Native American adoption practice. In adoption studies, we speak of the triad as a triangle, on each point of which is an identity category—a person with a stake in the adoption: the birthmother, the child, and the adoptive parent or parents. Jacobs investigated transracial placements to tease out the ways in which this model fails, or rather the ways in which we can adjust the geography and construction of adoption identity to reflect actual practice. She proposed a many-pointed star whose points include not only the positions on the triad, but also tribal councils, the child's and the adoptive parents' extended families, social workers and bureaucrats, even the child's and his/her parents' ancestors. She implied strongly that non-bodies, like the physical geographies of the child's present and past, become identity points with influence in this model (the reservation, for instance, has an embodiment to which the child belongs, on which it might be situated, and whose geography influences placement decisions and the formation of the child's own identity).

In this presentation, I'd like to situate Jacob's model more largely in our discipline, specifically in the discourses of gendered relationality in identity construction outside Native American adoption practice. That is, I think of this work she's doing first as a much-needed revision to the triad-model in adoption studies generally and in understanding the generation of identity categories as/in adoption practice. Secondly, I want to investigate the model as the construction of an embodied and gendered geography of particularly female adoptee identity in the space between "adoptee" and the bureaucracies that control access to their identity-papers (courts, registries, the INS, the FBI). I'll be looking at life narratives represented on the website Bastard Nation about and by female adoptees and their experience with accessing their identifying data for the construction of a relational, intersectional identity: "female closed-records adoptee."

Geografias da identidade: a relacionalidade da adoção e o 'Bastard Nation'

Recentemente, em palestra para a Conference for the Study of Adoption and Culture [Conferência para o Estudo da Adoção e da Cultura, em tradução livre], Margaret Jacobs, pesquisadora da Universidade de Nebraska-Lincoln e estudiosa da indigeneidade, fez uma crítica à geometria e a materialidade da tríade da adoção no contexto da nossa compreensão da prática de adoção de índios americanos. Nos estudos sobre a adoção,

IABAA 2017 – Lives Outside the Lines: A Symposium in Honour of Marlene Kadar

fala-se da tríade como um triângulo cujas pontas representam categorias da identidade — cada parte interessada na adoção: a mãe biológica, a criança e os pais adotivos. Jacobs investigou colocações transraciais para desvendar as falhas desse modelo, ou melhor, os ajustes que podem ser feitos na geografia e na construção da identidade adotiva para que a prática real seja refletida. Ela propôs um leque de influências que incluem não só as posições na tríade, mas também conselhos tribais, os parentes da criança e dos pais adotivos, assistentes sociais e burocratas e até os ancestrais da criança e de seus pais. Ela sugeriu que não corpos, tais como as geografias físicas do presente e do passado da criança, se tornam influências nesse modelo (a reserva indígena, por exemplo, tem uma corporificação à qual pertence a criança, na qual pode ser situada e cuja geografia influencia a colocação da criança e a formação da sua identidade).

Nesta apresentação, gostaria de situar o modelo de Jacob de maneira mais ampla nesta disciplina, especificamente no que diz respeito aos discursos de gênero e relacionalidade na construção de identidades fora da prática de adoção de índios americanos. Isto é, para mim, o trabalho feito por ela é uma muito necessária revisão do modelo de tríade geralmente proposto pelos estudos da adoção e do entendimento da geração de categorias de identidade como (inserida na) prática de adoção. Em segundo lugar, quero investigar o modelo como construção de uma geografia corporificada e de gênero das identidades de meninas adotadas, particularmente, no espaço entre elas e as burocracias que controlam o acesso aos seus documentos de identidade (tribunais, cartórios, serviço de imigração, FBI). Considerarei narrativas de vida, representadas no site *Bastard Nation*, sobre mulheres adotadas e suas experiências de acesso aos próprios dados pessoais para construir uma identidade relacional e interseccional: “adotada em sigilo”.

[Traduzido por Beatriz Vital - vitalb@riseup.net]

Emily Hipchen is a Fulbright scholar, the editor of *Adoption & Culture*, and an editor of *a/b: Auto/Biography Studies*. She is also the author of a memoir, *Coming Apart Together: Fragments from an Adoption* (2005). She’s an editor of *Inhabiting La Patria: Identity, Agency, and Antojito in the Works of Julia Alvarez* (SUNY 2013) and of *The Routledge Auto/Biography Studies Reader* (2015); as well as an editor of four special issues, “Adoption Life Writing,” “Adoption Studies Research,” “Critique as a Signature Pedagogy,” and “What’s Next? The Futures of Auto/Biography Studies.” Her essays, short stories, and poems have won multiple awards and have appeared in *Fourth Genre*, *Northwest Review*, *Cincinnati Review*, and elsewhere. She teaches creative nonfiction as a full professor at The University of West Georgia.